



TURISMO HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E IDEOLOGIA

DIÁLOGOS E MEMÓRIAS

FICHA TÉCNICA

CONCEÇÃO

Câmara Municipal de Cascais – Departamento de Inovação e Comunicação – Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico
Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Instituto de História Contemporânea

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ana Paula Pires
Cândida Cadavez
João Miguel Henriques

GESTÃO DA EDIÇÃO

Maria Conceição Santos

AUTORES

Ana Luísa Pires
Ana Paula Vieira da Silva e Sousa
Ana Quintas
Anabela Figueiredo Machado Monteiro
Armando Quintas
Carla Ribeiro
Carlos Filipe
Carlos Guilherme Riley
Celeste Nava Jiménez
Cinthia Rolim de Albuquerque Meneguel
Cristina Carvalho
Denise Janaina da Cruz
Elsa Ventura Ramos
Frédéric Vidal
Guilherme d'Oliveira Martins
Isabel Soares de Albergaria
Ivan Rêgo Aragão
Joaquim Manuel Vieira Rodrigues
Jorge Umbelino
José Guilherme Vitorino
Joana Lucas
Joselaine de Jesus Pereira
Licínio Cunha
Ligimar Flórido
Luís Boavida Portugal
Luís Manata
Luís Timóteo de Barros
Luísa Mendes-Jorge
Madalena Corte-Real
Maria João Gomes
Maria Mota Almeida
Marianna Monte
Paulo Barroso
Ricardo Ferreira de Almeida
Ricardo Hipólito
Susana Rocha Relvas
Vanessa Alexandra Pereira

APOIO

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Fundação António Quadros - Cultura e Pensamento

DESIGN

Adriana Silva

ISBN

978-972-637-307-0

Cascais, julho de 2020

O turismo é uma invenção europeia, com raízes no século XVIII. Às viagens marítimas, religiosas e de negócios juntar-se-iam as viagens de recreio, que transformaram esta atividade num fenómeno económico e social, em constante mutação e desenvolvimento.

Entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o país iniciaria um inexorável processo de modernização em função das necessidades dos vilegia (turistas). As aldeias piscatórias transformaram-se em praias e lugares patrimoniais, como Alcobaça, Batalha, Tomar ou Sintra, receberam cada vez mais visitantes.

O rico passado histórico e a situação geográfica de Portugal, escala das grandes rotas do trânsito marítimo intercontinental, desenharam as características fundamentais do turismo nacional num mercado em que continua a consolidar-se como destino de excelência. O clima ameno, multiplicidade de paisagens, vasta costa pontuada por praias excecionais, variedade de águas medicinais e riqueza cultural do nosso país concorrerem, assim, para a construção da oferta que hoje conhecemos.

Os governos republicanos, não o podemos esquecer, desempenharam um papel importante neste processo ao criarem as primeiras estruturas oficiais de turismo e estabelecerem a primeira classificação oficial dos lugares turísticos, que o Estado Novo soube levar mais longe.

A primeira página da edição de 22 de julho de 1935 do jornal *O Século* anunciava a realização do I Congresso Nacional de Turismo em Portugal num artigo que prometia que os seus resultados seriam úteis, «dentro das realidades atuais», garantindo igualmente que «as conclusões que vierem a ser votadas representam, de facto, o aproveitamento de uma análise, tão profunda quanto possível, de todos os problemas que, direta ou indiretamente, interessam ao turismo, que é uma causa de verdadeiro interesse nacional».

O encontro, inicialmente sugerido por Raul da Costa Couvreur, representante da Sociedade Propaganda de Portugal, acabou por acontecer apenas entre 12 e 16 de janeiro de 1936. Assim, no ano em que a vizinha Espanha se confrontava numa guerra civil e quando o resto do mundo se encaminhava para um longo período de devastação e conflitos bélicos, a “Nação” portuguesa organizava com pompa e circunstância o I Congresso Nacional de Turismo, cujas reuniões de trabalho decorreram maioritariamente na Sociedade de Geografia de Lisboa, em sessões que abordavam, entre outros temas, a escassez quantitativa e qualitativa do parque hoteleiro nacional, a necessidade de aperfeiçoar a formação dos profissionais, a importância atribuída pelo novo regime político à preservação e à divulgação do património nacional cultural e imaterial ou ainda a falta de diversificação de produtos turísticos.

Mais de 80 anos passados sobre este evento, a presente obra reúne uma série de reflexões que, entre outros assuntos, abordam os diversos papéis que o turismo tem desempenhado ao longo dos tempos, o modo variado como a atividade afeta as sociedades coevas e muitos exemplos de práticas inovadoras, criativas e sustentáveis, indispensáveis para a captação dos fluxos de viajantes atuais.

Ana Paula Pires
Cândida Cadavez
João Miguel Henriques

Turismo, terras de Portugal e de Espanha: Redes de turismo cultural (literário e intelectual) ontem e hoje

Susana Rocha Relvas

Resumo

Neste estudo pretende-se refletir, ainda que sucintamente, sobre a importância da viagem cultural no espaço intra-ibérico empreendida nas décadas de vinte e de trinta, dando como exemplo as viagens culturais realizadas a Espanha por intelectuais com distintos credos políticos como o republicano Leonardo Coimbra e o monárquico António Sardinha e as viagens do Marquês de Quintanar a Portugal, que, por circunstâncias distintas, terão um impacto decisivo nas suas vidas e permitirão traçar o caminho para novas oportunidades a nível académico, cultural e turístico.

Este intercâmbio terá reflexos nas políticas culturais tomadas pelo Marquês de Quintanar, como Presidente do Patronato Nacional do Turismo Espanhol e por António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional com vista à criação e consolidação de uma indústria do turismo.

Hoje, o turismo cultural ibérico, nas suas vertentes literário e/ ou intelectual, como segmento de mercado partilhado, atinge um grau único de desenvolvimento na história dos dois países peninsulares, procurando consolidar-se e expandir-se em rede, tanto no que respeita à criação de políticas comuns como na disseminação do património cultural.

Palavras-chave: viagem, cultura, turismo literário e intelectual, Portugal, Espanha

Abstract

In this study we intend to analyse, though briefly, on the importance of cultural travel undertaken between Portugal and Spain in the twenties and thirties, giving as example, the Republican Leonardo Coimbra and the Monarchist Antonio Sardinha's cultural travels to Spain and Marqués de Quintanar's trips to Portugal, which, for different circumstances, will have a decisive impact on their lives and will pave the way to new opportunities for academic, cultural and touristic level.

This exchange will have reflections in the cultural policies taken by Marqués de Quintanar as President of the National Patronage of the Spanish Tourism and by António Ferro, director of the National Propaganda Secretariat in order to create and consolidate a tourism industry.

Today, the Iberian cultural tourism in their literary and / or intellectual aspects, as shared market segment achieves a degree of unique development in the history of the two peninsular countries, seeking to consolidate and expand the network, both in terms of the creation of common policies and the dissemination of its cultural heritage.

Keywords: travel, culture, literary and intellectual tourism, Portugal, Spain

Considerações iniciais

Na evocação do I Congresso Nacional de Turismo (1936), nada nos parece mais oportuno do que remontar às viagens empreendidas entre Portugal e Espanha nas décadas de vinte e de trinta, refletindo sobre a importância do turismo cultural nas suas vertentes de turismo intelectual e literário, que dinamizaram as relações culturais da época e sedimentaram as bases de uma indústria turística que começa, então, a ser pensada e regulamentada nos dois países ibéricos.

O título, que escolhemos para esta comunicação, remete-nos, inevitavelmente, para o livro de Miguel de Unamuno *Por Tierras de Portugal y de España* (1911) onde o autor, inspirado pelas correntes oitocentistas do "casticismo" e do "pitoresco", assume-se como "turista" e parte, como tantos outros intelectuais do seu tempo, em busca dos traços definidores das culturas ibéricas (Unamuno, 1989)¹. A viagem, afigura-se aos olhos do pensador espanhol como prática cultural, como "experiência humana única" (Machado; Pageaux, 1988: 34) que o escritor eternizará na sua narrativa de viagem, revelando o modo como "sentiu e amou Portugal no seu povo, na sua história, na sua literatura, na sua paisagem (Bento, 1989: X).

Em contrapartida, Espanha despertara mais cedo que Portugal para o turismo. O exotismo andaluz, que o estrangeiro associou por metonímia a todo o território espanhol, levou viajantes desde séculos recuados a percorrer as terras do cavaleiro da Mancha (Moura, 1992). Mas será nas primeiras décadas do século XX que a circulação de indivíduos e trocas nos planos económico, cultural e religioso, atinge maior maturação graças, em grande parte, ao romantismo oitocentista que desperta para a necessidade de valorização do património, material e imaterial, e aposta no estudo do seu passado, procurando definir com bases históricas e etnolinguísticas, uma matriz identitária própria que a afirme e a distinga dos outros povos. Destacam-se, nesta linha, os meritórios trabalhos de José Leite de Vasconcelos e Menéndez y Pelayo.

Ao longo da história peninsular, a encruzilhada de caminhos, ora convergentes ora divergentes, entre os povos Ibéricos espelha a existência de um espaço polissistémico onde complexos processos sociais, culturais e económicos convergem e se influenciam mutuamente (Pérez Isasi, Fernandes, 2013). Este é um período especialmente fértil em trânsitos e migrações,

¹ Valeu a Unamuno a sua rede intelectual de contactos, especialmente com Teixeira de Pascoaes, Manuel Laranjeira ou Guerra Junqueiro, não só na hospedagem como nas orientações bibliográficas a seguir para o mais completo conhecimento das idiossincrasias portuguesas, do tédio ao pessimismo, do messianismo ao seu mais iluminado lirismo, mas também usos e costumes regionais como a faina dos pescadores em Espinho ou o culto religioso em Braga (Unamuno, 1989).

quer culturais, com o surgimento de redes intelectuais intra e extra-ibéricas, de cariz transnacional e alcance transatlântico, quer políticos, dada a circunstância de exílio a que foram sujeitos muitos cidadãos portugueses, cuja filiação política remava em sentido contrário aos regimes políticos instituídos no decorrer da primeira metade do século XX.

1. Turismo cultural, literário e intelectual

Essas redes, protagonizadas por homens e mulheres de cultura, permitiram o desenvolvimento do turismo cultural, nas suas vertentes de turismo literário e intelectual, que se perpetuam até hoje, em moldes mais alargados e com impacto significativo no desenvolvimento económico e social (Marujo, 2015: 6), sobretudo nas décadas recentes, em que o turismo se converteu, em Portugal e noutros países europeus, em “estratégia de regeneração” económica (Richards, 1996:31). Se é certo que, cada vez mais, se procura a autenticidade artística, gastronómica, linguística ou arquitectónica, também é verdade que o turismo, hoje, um segmento de mercado de massas, está centrado no consumo de produtos culturais. Na tentativa de definir o turismo cultural, na sua abrangente e multifacetada asserção, Greg Richards oferece-nos as seguintes propostas:

“The movement of persons to cultural attractions away from their normal place of residence, with the intention to gather new information and experiences to satisfy their cultural needs” (Richards, 1996). “According to this conceptual definition, cultural tourism covers not just the consumption of the cultural products of the past, but also of contemporary culture or the ‘way of life’ of a people or region. Cultural tourism can therefore be seen as covering both ‘heritage tourism’ (related to artefacts of the past) and ‘arts tourism’ (related to contemporary cultural production)” (Richards, 2003)².

O turismo cultural [heritage tourism] ocupa-se, deste modo, da preservação da memória, entendida simultaneamente, quer como arquivo, individual e coletivo, com os seus recursos culturais, históricos e naturais, quer como experiência de lugares, artefactos e atividades a que se associa um conjunto de processos dinâmicos, de seleção, conservação e transmissão de objetos com valor histórico. A herança cultural de um povo deve ser, acima de tudo, um espaço de reescrita, reconstituindo através das “narra-

tivas de lugar” - “Place narratives” (Richards e Marques, 2014), os factos e os usos do passado para mobilizar novas relações coletivas da memória³.

Por seu lado, o turismo cultural acolhe em si as vertentes de turismo literário e de turismo intelectual. O primeiro, dedica-se à promoção, tanto da vida dos autores e sua produção literária e artística (Mendes, 2007; Herbert, 2001), como dos lugares e eventos mencionados nas narrativas de ficção ou representados nas artes plásticas⁴. Já o turismo intelectual definido, de igual modo, como turismo educacional, com extensão ao turismo pedagógico (Bidaki, Hosseini, 2014)⁵, é praticado por aqueles que se deslocam a outro país para formação ou participação em eventos científicos e que, nessa circunstância, consomem produtos culturais (Herbert, 2001). Estas duas variantes singulares do turismo cultural têm sofrido, sobretudo, nas últimas duas décadas, um impulso significativo, como consequência direta, quer da política de museus, bibliotecas e arquivos, quer da crescente valorização da literatura, dos autores que a produzem e do contexto histórico e social que condicionou ou estimulou a sua criação literária.

Postas estas considerações iniciais, fundamentais para a compreensão dos temas em discussão, regressamos às décadas de vinte e trinta, precursoras do turismo cultural, literário e intelectual, tomando como exemplo as “embaixadas culturais” a Espanha dos intelectuais e políticos António Sardinha (1887-1925) e Leonardo Coimbra (1883 -1936) e a ação dos agentes culturais António Ferro (1895-1956) e o Marquês de Quintanar (Fernando Gallego de Chaves y Calleja, 1889-1974) em prol do desenvolvimento da indústria turística a nível nacional e ibérico.

2. As “embaixadas culturais” de Leonardo Coimbra e o exílio de António Sardinha

As viagens intelectuais a Espanha empreendidas por Leonardo Coimbra e António Sardinha devem-se a diferentes circunstâncias, no entanto, ambas terão um impacto decisivo nas suas vidas e abrirão caminho a novas possibilidades a nível académico, cultural e turístico.

³ Segundo Bidaki e Hosseini, na era pós-moderna, onde escasseia a metanarrativa, a preservação e divulgação dos equipamentos culturais, como conservadores da memória, contribuem para o resgate e preservação da história das comunidades em crise de identidade (2014: 2).

⁴ As principais cidades europeias como Paris, Veneza, Londres, Roma e Nova York nos EUA, com reconhecido património cultural, possuem tradição oitocentista no que diz respeito ao interesse público pelos túmulos de figuras literárias, como recorda Bidaki e Hosseini, (2014: 3).

⁵ “Edutourism” é definido pelo *Travel Industry Dicionary* como 1. Recreational travel undertaken solely or partially for the purpose of study, self-improvement or intellectual stimulation. 2. Travel to attend schools, universities, or other educational opportunities. Also called *intellectual tourism*”. <http://www.travel-industry-dictionary.com/edutourism.html> [consultado a 10.09.2019]

² O autor propõe, ainda, duas abordagens, em articulação, no que toca ao turismo cultural, entendendo-o como processo e como produto. O primeiro, proveniente da Antropologia e da Sociologia, remete para os códigos de conduta de um grupo social, enquanto o segundo, oriundo da crítica literária, entende a cultura como resultado de uma atividade individual ou de grupo, com determinados significados a que os museus, os monumentos, bibliotecas e arquivos dão expressão (Richards, 2003).

O exílio em Espanha do monárquico António Sardinha, implicado nas incursões da Monarquia do Norte, em 1919, terá reflexos na sua criação literária (*Na Corte da Saudade*, 1922) e na redefinição do programa doutrinário integralista, com o projeto de uma aliança peninsular. Contrariamente a outros emigrantes políticos, a sua condição de exilado rapidamente se transforma numa oportunidade, convertendo-se em turista intelectual e literário, na medida em que o mentor do Integralismo Lusitano parte à descoberta de Espanha, tornando-se consciente da missão histórica dos dois países ibéricos e do tesouro inestimável que representa o património comum. Sardinha percorre Ávila em busca de reminiscências de Santa Teresa ou San Juan de la Cruz e procura as marcas artísticas de El Greco, em Toledo, e as esculturas do portuense Manuel Pereyra, em Madrid. Em simultâneo, o teorizador do hispanismo enceta com intelectuais e políticos espanhóis e latino-americanos amizade estreita e passa a ser considerado uma referência como poeta, historiador, divulgador da literatura portuguesa e como mentor contrarrevolucionário do então disperso e a-doutrinário grupo da direita espanhola (Relvas, 2016; Gutiérrez Sánchez, M. e Jiménez Núñez, 2004)⁶.

Por seu lado, com vista à divulgação do pensamento filosófico português e à afirmação da jovem República portuguesa, o pensador e Ministro da Instrução Leonardo Coimbra desloca-se à Galiza, em 1921, e a Madrid, em 1922 e 1924, em missão cultural e política. Leonardo aproveita essas viagens para a realização de turismo cultural e intelectual, visita o Museu do Prado e instituições pedagógicas diversas como a Residencia de Estudiantes⁷ (Relvas, 2010) e estabelece com a *intelligentsia* espanhola um frutífero diálogo sobre a ciência, o pensamento, as artes e as literaturas peninsulares. De igual modo, fruto dos contactos estabelecidos, muitos são os cientistas, escritores e professores universitários espanhóis que visitam Portugal, proferem conferências nas principais universidades do país e tomam contacto com a cultura, a literatura e o património histórico, exercendo turismo intelectual, como é o caso do Marquês de Quintanar e de Ramiro de Maeztu que, devidamente instruídos por António Sardinha, se deslocam a Portugal para longas e proveitosas estadias e leituras dos autores portugueses de referência (Relvas, 1998).

⁶ O seu labor na divulgação de Portugal em Espanha estimulou as viagens da elite espanhola ao nosso país. Ramiro de Maeztu, a escritora peruana Angelica Palma ou o Marquês de Quintanar integram esse grupo de intelectuais que, movidos pelo desafio de Sardinha, se rendem aos encantos do povo, da paisagem e da cultura portuguesas. Segundo testemunho de Marquês de Quintanar, Ramiro de Maeztu, na sua conferência intitulada "Portugal y su lirismo", proferida no Ateneo de Madrid, em 1922, revela conhecer com alguma profundidade a literatura portuguesa e confessa que a sua vida espiritual teria sido diferente se tivesse conhecido Portugal mais cedo. Segundo o Marquês de Quintanar, que assistiu à conferência de Ramiro de Maeztu em Madrid, o autor de *La Crisis del Humanismo*, afirmaria que "Ningún país de los que ha recorrido, le deslumbró como Portugal cuya impresión solo puede compararse a la que le dejan las lecturas juveniles acerca del Oriente" [...] Que, en Portugal, están los líricos más grandes del mundo actual, y que, si esto lo supiesen todos los líricos en potencia de los demás países, Portugal sería para ellos su Benarés y su Meca y su Atenas...". Carta nº 44 do Marquês de Quintanar a António Sardinha (Relvas, 1998: 41-42).

⁷ Declarado, em 2007, património europeu, a RE tem já uma tradição secular de acolher intelectuais, professores e artistas que até hoje se deslocam a Madrid para atividades académicas diversas, do ensino à investigação. Einstein seria um dos seus hóspedes mais ilustres na década de vinte.

3. António Ferro e Marquês de Quintanar: agentes culturais e impulsionadores do turismo luso-espanhol

A vitalidade das relações políticas luso-espanholas desta época favorece a criação de tratados económicos e iniciativas culturais com vista à promoção turística de Portugal e de Espanha⁸, organizadas por António Ferro e o Marquês de Quintanar enquanto dirigentes do Secretariado de Propaganda Nacional (1933) e do Patronato Nacional del Turismo Español (1928), respetivamente. É no seguimento dessas políticas que António Ferro convida cerca de trinta intelectuais destacados no plano internacional, como Miguel de Unamuno, Pirandello, Gabriela Mistral, Maurice Maeterlink e Ramiro de Maeztu a visitar Portugal, tendo por objetivo "iluminar" o mundo sobre "o caso Português" e dar início a um processo de renovação moral denominada de "política do espírito" (Rodrigues, 2010: 437). O Marquês Quintanar, fundador, em 1922, da Sociedad de Amigos de Portugal, acompanhará o grupo e fará notar, no prefácio à 2ª edição espanhola de *A Aliança Peninsular* de António Sardinha, a importância das origens históricas de Portugal. Impressiona-o o trabalho de propaganda do SPN, com a célebre frase "Portugal não é um país pequeno" e não dispensa elogios ao labor do "periodista hispanófilo" António Ferro em prol de uma aproximação luso-espanhola (Sardinha, 1972: XXXII-XLII). Essa campanha de aproximação será fomentada pelo "lusófilo espanhol", enquanto delegado especial das relações com Portugal, e por António Ferro através do intercâmbio de ensaios publicados em *La Nación* e no *Diário de Notícias*, entre 1929 e 1936, em prol do mútuo conhecimento⁹.

Dotado de uma cultura cosmopolita, António Ferro cedo se envolveu na dinâmica cultural portuguesa, destacando-se como diretor e publicista de revistas culturais que o levaram a uma aproximação à intelectualidade e membros do governo espanhóis. São conhecidas as suas entrevistas a Primo de Rivera, Miguel de Unamuno, Ortega y Gasset e outros proeminentes intelectuais e políticos espanhóis, que viriam a ser editadas, em 1933, no volume *Prefácio da República Espanhola*. Do mesmo modo, a sua intensa correspondência com o Marquês de Quintanar, Giménez Caballero, Fernández Florez, Carmen de Burgos ou Eugenio D'Ors, confirmam o alcance e profundidade dos contactos estabelecidos, muitos deles, como

⁸ Salientamos o aperfeiçoamento do tráfego ferroviário português, espanhol e francês, a criação de uma linha telefónica de Málaga a Lisboa, em 1928; o intercâmbio da intelectualidade portuguesa e espanhola, a construção da Casa de España em Lisboa, para acolher a sede do Consulado e do Patronato del Turismo y Cámara de Comercio español, em 1928, ou a celebração em Madrid da Exposição do Livro Português, em outubro de 1928. Sucederam-se as visitas dos chefes de Estado, com a deslocação de Carmona a Espanha em 1929 (Maeztu, 1972: LX-LXI).

⁹ Em carta de 22.2.1929, Quintanar agradece a Ferro a notícia editada no *Diário de Notícias*, dando conta da sua viagem a Portugal e na missiva de 4.2.1934, o intelectual espanhol envia a Ferro o ensaio sobre Salazar a ser editado no mesmo periódico português. No ano seguinte, Quintanar confia a Ferro que o *Diário de Notícias* edita artigos de "tom imperialista" que dificulta o trabalho de aproximação luso-espanhola (carta datada de 1935).

é o caso do Marquês de Quintanar, converteram-se rapidamente numa duradoura amizade e afinidade doutrinária. Como agentes culturais, Ferro e Quintanar, eles próprios tantas vezes turistas “culturalmente inspirados” (Bywater, 1993), autênticos *literary pilgrims* (Herbert, 2001:313) receptivos ao conhecimento e protagonistas de uma rede de sociabilidade ibérica, lideram a política cultural dos seus países, ao serviço da propaganda e afirmação dos regimes políticos vigentes. A eles se deve, entre muitas iniciativas, a criação das Pousadas de Portugal (1941) e dos Paradores de Espanha (1928).

4. O Turismo cultural, literário e intelectual no plano ibérico, hoje: investigação e equipamentos

A transição para o sistema democrático, praticamente sincrónica em Portugal e Espanha, impulsionou a aposta nos mediadores culturais, como detentores e difusores de informação. Assim, os museus, centros de interpretação, bibliotecas e arquivos, são hoje sistemas de informação, espaços de cultura partilhada, que tomam como missão a reconstrução de narrativas do passado, reescrevendo a história e tornando-a acessível a um público cada vez mais instruído, exigente e curioso.

O turismo cultural ibérico, que se pretende democratizar e estender a novos públicos, até recentemente do domínio das elites, encontra-se já dotado de um marketing eficaz que promove os seus “recursos” e se afirma cada vez mais com a criação de redes e parcerias, sobretudo, de operadores locais e regionais para a realização de eventos que visem divulgar o património tangível e intangível comum. Partindo desta compreensão de um património comum à escala ibérica, organizou-se, em 2005, o I Encontro Ibérico de Profissionais de Turismo Cultural a cargo do Progestur, e que visou, além da partilha de experiências e da análise de estudos de caso, a projeção da Rede Ibérica de Profissionais de Turismo Cultural com expansão à América Latina.

No âmbito da investigação, realizada nos últimos anos, destaca-se o projeto de pós-doutoramento “Redes de Cooperação Cultural Transnacionais: Portugal europeu, lusófono e ibero-americano”, liderado por Belén Elisa Díaz, da Universidad Rey Juan Carlos e Manuel Gama da Universidade do Minho, tendo apresentado, em Madrid, em abril de 2016, conclusões relativas ao tema em apreço e à revitalização do património e turismo criativo. Quanto a projetos de cooperação em curso, maioritariamente a nível regional, nomeamos o “Caminho Português: Conservação e Valorização do Caminho Português de Santiago” (2016), num trabalho conjunto entre os

municípios portugueses e galegos. Recorde-se, de igual modo, o pioneirismo do programa “Caminhos de Santiago”, reconhecido, em 1987, pelo Conselho da Europa como o primeiro itinerário cultural europeu, dado o seu valor histórico-cultural, e relevância como dinamizador do intercâmbio e do desenvolvimento dos povos ibéricos.

No que respeita às casas-museu, unidades museológicas dedicadas ao legado de uma figura pública, seja político, cientista, escritor ou artista, conservam, regra geral, a biblioteca, o arquivo e peças de mobiliário pessoal que constitui o património do autor e da obra que produziu. Destacam-se, a este nível, dois projetos. AAPCM - Associação Portuguesa de Casas Museu, fundada em 2012, e que conta com 10 casas-museu associadas¹⁰, e o portal “Escritores a Norte. Vidas com obra em Casas d’Escritas”, criado em 2015. Este projeto inovador, a cargo da Direção Regional de Cultura do Norte, pretende juntar em rede as casas-museu e fundações de escritores do Norte de Portugal, com a missão de salvaguardar a memória de Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ferreira de Castro, Guerra Junqueiro ou Aquilino Ribeiro¹¹, assinalando os roteiros, as notas biográficas e as obras mais emblemáticas dos referidos escritores, para além de temas diversos da cultura portuguesa que lhe estão associados. No que toca à rede ibérica, destaca-se o relevante papel da ACAMFE – Asociación de Casas Museo y Fundaciones de Escritores que reuniu, até agora, um conjunto muito significativo de espólios de escritores espanhóis, permanecendo o apartado dedicado a Portugal inalterável nos últimos anos, com apenas 3 fundações¹², sendo revelador de que há, ainda, muito a fazer no que diz respeito à cooperação Ibérica neste âmbito.

Segundo Luísa Alvim, num estudo realizado há dez anos (2009), de certa forma ainda atual, urge uma disponibilização mais alargada de catálogos bibliográficos e, no que respeita às bibliotecas virtuais, muitas delas não possuem direção autónoma, estando dependentes das instituições que as tutelam. A autora assinala, de igual modo, a escassez do número de documentos digitalizados e de oferta dos conteúdos numa segunda língua. Apesar de dotadas, em alguns casos, de Centros de investigação agrega-

¹⁰ Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça, Casa Museu Abel Salazar, Casa Museu Bissaya Barreto, Casa Museu Eça de Queiroz, Casa Museu Egas Moniz, Casa Museu Fernando Namora, Casa Museu João de Deus, Casa Museu Medeiros e Almeida, Casa Museu Passos Canavarro, Museu Júlio Dinis. <http://www.apcm.pt/casas-museu/>

¹¹ Estão referenciados os seguintes equipamentos culturais: “Casa das Quintans, em Mesão Frio, residência dos escritores Domingos Monteiro, Pina de Morais, Graça Pina de Morais e Lisa Pina de Morais; Casa de Camilo Castelo Branco, em São Miguel de Seide; Casa Museu Ferreira de Castro, em Ossela; Casa Museu Guerra Junqueiro e Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto Mesquita Carvalho, no Porto; Casa de José Régio, em Vila do Conde; Casa de Miguel Torga e Espaço Miguel Torga, em São Martinho de Anta; Fundação Aquilino Ribeiro, com a Casa de Aquilino, em Soutosa; Fundação Cupertino de Miranda, detentora do acervo pessoal de Mário de Cesariny e Fundação Eça de Queiroz, com a Casa de Tormes, eternizada por Eça em *A Cidade e as Serras*”. <http://escritoresanorte.pt/pagina.aspx?id=1> [consultado a 10.09.2019].

¹² Fundação Aquilino Ribeiro, Fundação Cupertino de Miranda e Fundação Eça de Queiroz. <https://www.museosdeescritores.com/>

dos, escasseiam os meios e os recursos humanos para a investigação e consequente produção científica sobre os espólios que custodiam (Alvim, 2009: 48). Tem havido, apesar de tudo, um crescente investimento nesta área, quer por parte de instituições governamentais e particulares, quer por parte de investigadores com projetos a solo ou em equipa, com vista à integração em rede dos recursos supra-citados. Destaca-se, neste sentido, o trabalho exemplar realizado pela Casa-Museu Ferreira de Castro, tanto no que toca à disponibilização da informação, como no que respeita à produção científica sobre a vida e obra do escritor.

No que concerne às bibliotecas, destaca-se o papel da Biblioteca Nacional na guarda, tratamento e disponibilização dos acervos de escritores, cabendo de igual modo, às bibliotecas universitárias e às câmaras municipais não só a custódia deste importante património, mas também a sua divulgação pelas redes e indústrias de cultura.

Por fim, referimos o projeto Rede Ibérica e Ibero-Americana de Casas-Museu, Fundações e Arquivos de Escritores e Artistas (2017), por nós criada, que inventaria os espólios de escritores e artistas portugueses, espanhóis, brasileiros e dos países hispânicos. Destinada à comunidade de investigadores, em particular, e público em geral, este sítio Web pretende reunir o maior número possível de referências, promovendo a investigação dedicada às elites intelectuais que, ao longo dos séculos XIX e XX, fomentaram redes ibéricas e transatlânticas de conhecimento alargadas aos espaço lusófono e hispânico.

Conclusão

A ação cultural de António Sardinha e de Leonardo Coimbra em Espanha, a par das medidas tomadas por António Ferro e Marquês de Quintanar em prol da sua preservação e divulgação contribuíram, de diferentes modos, para o desenvolvimento do turismo moderno. Hoje, o turismo cultural ibérico, nas suas vertentes literário e/ ou intelectual, como segmento de mercado partilhado, atinge um grau de desenvolvimento ímpar na história dos dois países peninsulares, procurando consolidar-se e expandir-se em rede, tanto no que respeita à criação de políticas comuns, à divulgação dos seus equipamentos culturais: casas-museu, bibliotecas e arquivos como à valorização da identidade cultural e criação de metanarrativas (centros de interpretação) que acedam a públicos cada vez mais alargados e heterogéneos. Há, seguramente, ainda, um longo caminho a percorrer, que espera-

mos seja cada vez mais seguro, em prol do desenvolvimento sustentado dos dois países ibéricos.

Bibliografia

Alvim, Luísa. "Los sitios web de las Casas Museo y Fundaciones de escritores ibéricas", 39-53. In *Actas XI Jornadas Españolas de Documentación*, Fesabid, 2009.

Bidaki, Alimohammad Zare e Hosseini, Sayyed Hassan. "Literary Tourism as a Modern Approach for Development of Tourism in Tajikistan". *Tourism&Hospitality*, (2014), 3, 120.doi: 2167-0269.1000120. [Acesso 2.09.2019]. <https://www.omicsgroup.org/journals/literary-tourism-as-a-modern-approach-for-development-of-tourism-in-tajikistan-2167-0269.1000120.pdf>

Bywater, M. "The market for cultural tourism in Europe". In *Travel and Tourism Analyst*, no.6, (1993), 30-46.

Correspondência do Marquês de Quintanar dirigida a António Ferro. Fundação António Quadros. PT-FAQ-AFC 01-001-0363-00001 - 000027. (Cartas consultadas de 1929-1935).

Gonçalves, Alexandra Rodrigues. "Museus, Turismo e Território: como podem os equipamentos culturais tornar-se importantes atrações turísticas regionais?", 1-34. In *Congresso Internacional Turismo da Região de Leiria e Oeste*, 22-23 nov., Peniche, 2007.

Gutiérrez Sánchez, M. and Jiménez Núñez, F.. "La recepción del Integralismo Lusitano en el mundo intelectual español", 303-32. In *Elites e Poder. A Crise do Sistema Liberal em Portugal e Espanha (1918-1931)*. Ed. Manuel Baiôa. Lisboa, Colibri - CIDEHUS-EU, 2004.

Herbert, D. "Literary places, tourism and the heritage experience". *Annals of Tourism Research*, vol. 28, 2, (2001), 312-339.

Machado, Á.M. and Pageaux, D. H.. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

Marujo, N.. "O estudo académico do Turismo cultural". *Turydes. Revista Turismo y Desarrollo local*, vol. 8, nº18, (2015), junio-julio.

Mendes, M.C.G. *Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: o Vale do Lima*. Tese de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

Moura, J. M.. *Lire l'Exotisme*. Paris: Dunod, 1992.

Nagy, K.. "Heritage tourism, thematic routes and possibilities for innovation". *Club of Economics in Miskole TMP*, vol.8, nº1, (2012), 46-53.

Pérez Isasi, S and Fernandes, A.. *Looking at Iberia. A Comparative European Perspective*.

Peter Lang, 2013.

Relvas, S.R. *António Sardinha e suas relações culturais com Espanha*. Tese de mestrado. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 1998.

Relvas, S.R. *O Pensamento de Leonardo Coimbra: afinidades e convergências no espaço ibérico e ibero-americano*. Tese de Doutoramento. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, 2010.

Relvas, S. R.. "O Pan-Hispanismo de António Sardinha: génese, receção e influência da sua obra", 256-269. *IberianInterconnections. ACIS Conference Proceedings*. (Eds.) Susana Rocha Relvas, Maria Gómez Bedoya e Rikki Morgan-Tamosunas. Porto: Universidade Católica Editora, 2016.

Richards, G.. "What is cultural tourism?". In Van Maaren, A. ed. *ErfgoedvoorToerisme*. Nationaal Contact Monumenten, 2003.

Richards, G.. *Cultural Tourism in Europe*. Cab. International Wallingford UK, 1996. Online version, ATLAS, Association for Tourism and Leisure Education, 2005.

Richards, G; Marques, L. "The Dimensions of Art in Place Narrative". *Tourism Planning&Development*, vol.11, Iss.1, (2014), 1-12.

Rodrigues, A. P.. "Portugal, España y la Historia del Estado Novo. Las relaciones Ibéricas y los medios de comunicación salazaristas en los años treinta", 437-462. *Outros Combates pela História*. Ed. Maria Manuela Tavares Ribeiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

Sardinha, António. *A Aliança Peninsular. Antecedentes e Possibilidades*. Lisboa: QP, 1972.

Silva, E. "Património e Identidade. Os Desafios do Turismo Cultural". *Antropológicas*, nº4, (2000), 217-224.

Unamuno, M. *Por Terras de Portugal e de Espanha*. Trad. e Nota de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

Percursos eletrónicos

ACAMFE – Asociación de Casas-Museo y Fundaciones de Escritores <https://www.museosdeescritores.com/> [consultado 10-09-2019]

APCM – Associação Portuguesa de Casas Museu. <http://www.apcm.pt/a-associacao/> [consultado 11-09-2019]

"Caminho Português: Conservação e Valorização do Caminho Português de Santiago" (2016) https://www.cm-pontedelima.pt/pages/941?news_id=2306 [consultado 9-09-2019]

"Escritores a Norte. Vidas com obra em Casas d'Escritas". <http://escritoresanorte.pt/>

[consultado 10-09-2019]

I Encontro Ibérico de Profissionais de Turismo Cultural (Guimarães), <https://www.guimaraesdigital.com/index.php/informacao/cultura/8452-30545> [consultado 9-09-2019]

Rede Ibérica e Ibero-Americana de Casas-Museu, Fundações e Arquivos de Escritores e Artistas <https://intellectualselitesandhistoryofideas.wordpress.com/> [consultado 10-09-2019]

"Redes de Cooperação Cultural Transnacional: Portugal europeu, lusófono e ibero-americano". Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (CECS-UM), Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela (FCC-USC) e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). <http://polobs.pt/projeto/projeto-3/> [consultado 9-09-2019]

Travel Industry Dictionary <http://www.travel-industry-dictionary.com/intellectual-tourism.html> [consultado 10-09-2019].

Nota Biográfica

Susana Rocha Relvas é doutorada em Literatura Comparada pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Professora Adjunta Convidada da ESEV e ESTGV do Instituto Politécnico de Viseu. É investigadora auxiliar do CEFi e do NEO – Núcleo de Estudos Orteguianos, UCP, membro colaborador do CiTUR e Communications officer e membro executivo da ACIS – Association for Contemporary Iberian Studies.

Linhas de investigação: estudos culturais dos espaços lusófono e hispânico, em especial, o Turismo Cultural, arquivos de família e movimentos intelectuais. Destaque para o estudo interdisciplinar da literatura com outras áreas do saber - história, pedagogia e filosofia. Autores estudados: António Sardinha, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, António Nobre, Ramón del Valle-Inclán, Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno, Carlos Sabat Ercasty, António Cândido, entre outros. Co-editou *Iberian Interconnections. ACIS conference Proceedings*. Porto: UCP (2016) e é autora do projeto Rede Ibérica e Ibero-Americana de Casas-Museu, Fundações e Arquivos de Escritores e Artistas. <https://ipv.academia.edu/susanarocharelvass>